

A APOSTA

A Acta Médica Portuguesa termina, com este número, o seu primeiro ano de publicação e podemos dizer que acertámos em pleno na nossa aposta na Medicina Portuguesa.

Aceitámos, à partida, que a capacidade profissional e científica se revelam, não pela quantidade, mas por uma exigência de qualidade que implica renovação, estudo e diálogo continuados e que será o motor da elevação do tipo de prática profissional a generalizar pelo País.

Partimos também da realidade fundamental de que qualquer prática médica profissional — clínica, complementar ou de ciências básicas — para ser eficiente, tem que procurar, que esclarecer, que ultrapassar o *conhecimento aceite* — dito de outro modo, acarreta necessariamente a obrigatoriedade de realizar investigação. Os trabalhos de investigação serão então reflexo da prática profissional e símbolo do seu nível.

A exigência de qualidade e a necessidade de investigar e comunicar os resultados terão pois que ser fundamentadas em todos os escalões de diferenciação dos vários grupos profissionais que trabalham a Saúde, e não parece exagero ressaltar o papel fundamental desempenhado pela Imprensa médica.

Acreditámos nas intenções de qualidade e na Investigação da nossa Medicina. Para ela criámos uma plataforma editorial.

Verificámos então, como o fizeram alemães, escandinavos, japoneses e tantos outros, que a linguagem médica não pode ficar reduzida às barreiras de um país — grande ou pequeno — e que a presença e promoção da Medicina Portuguesa no mundo só era viável através da publicação de textos em línguas que permitam a ultrapassagem das fronteiras. Nesse aspecto, o idioma inglês é hoje, em verdade, mundial. Daí que, para colocar as nossas investigações ao nível das estrangeiras, tenhamos fomentado a publicação de textos em língua não portuguesa, particularmente na inglesa.

Para que a literatura portuguesa publicada tivesse divulgação no mundo médico, impunha-se que a revista fosse lida além fronteiras e que captasse a atenção regular dos técnicos e investigadores estrangeiros. Considerámos assim, que a melhor maneira de lograr tal objectivo, seria a abertura das nossas páginas aos seus textos, numa verdadeira permuta e reconhecimento mútuo. Fomentámos pois a publicação de textos de autores estrangeiros.

Finalmente, porque a Ciência Médica de hoje exige uma qualidade e disciplina de produção que sejam testemunhos da sua seriedade, impusemos, como norma, a apreciação dos manuscritos, estenuante mas essencial, por dois ou mais especialistas consultores editoriais, antes da publicação.

Ao partirmos com tal programa há um ano, acreditámos que seria possível realizá-lo, porque acreditámos na qualidade médica portuguesa. Valeu a pena.

Nas quase 800 páginas deste primeiro volume, publicámos um número considerável de textos, com acentuado predomínio dos trabalhos originais, como se pode verificar no quadro 1.

Os trabalhos originais cobriram capítulos muito variados do âmbito das Ciências Médicas (Quadro 2), como era desejado.

Publicaram-se trabalhos de autores estrangeiros e, em contrapartida, textos de portugueses foram apresentados em inglês.

Quadro 1

Textos recebidos e publicados

	PUBLICADOS NO 1.º VOL.	RECEBIDOS	APRECIADOS	RECUSADOS
ORIGINAIS	25	41	39	8
CASOS CLÍNICOS	10	23	17	4
REVISÕES	13	21	17	3
CONCEITOS ACTUAIS	5	6	5	
PROGRESSOS TÉCNICOS	2	3	2	
EDITORIAIS	6	6		
ENFERMAGEM	6	6	6	
ANOTAÇÕES	4	4		
CARTAS AOS EDITORES	1	1		
CRÍTICA DE LIVROS	2	2		
OUTROS	2	2		
TOTAIS	76	115	86	15

Quadro 2

Disciplinas cobertas nos trabalhos originais

	n.º de trabalhos
Angiologia	1
Andrologia	1
Anatomia Patológica	4
Bioquímica	3
Cardiologia	5
Citogenética	1
Endocrinologia	2
Farmacologia	1
Gastrenterologia	2
Imunologia	2
Nefrologia	1
Neurologia	2

Quase todos os textos publicados foram corrigidos pelos seus autores na sequência de comentários e sugestões formuladas pelos consultores editoriais. Nunca uma crítica foi ocultada, muito embora os autores não soubessem quem as elaborara.

Creemos que, pela primeira vez em Portugal, houve textos recusados em número significativo — sem menosprezo pelos seus autores, e sempre com a justificação plena dos motivos da decisão e a concordância dos interessados. Dos 86 textos até o momento submetidos a apreciação crítica (Quadro 1), foram recusados 15, o que corresponde a 17 %.

Finalmente, para que os textos portugueses pudessem ser integrados nos sistemas utilizados no Mundo, foi indispensável garantir a sua indexação internacional e estabelecer permutas. Neste momento já cobrem a primeira finalidade a *Excerpta Medica* e o *Chemical Abstract Service*. Quanto à segunda firmámos trocas com oito publicações médicas estrangeiras.

A realização das Jornadas da Acta Médica Portuguesa, em Janeiro próximo, e a publicação, em breve, dos 3 primeiros suplementos, representam mais algumas chegadas confirmativas de que acertámos.

À Medicina Portuguesa se deve que este primeiro ano editorial tenha sido um êxito dentro das características que foram definidas para a Acta Médica.

J. Cândido de Oliveira
M. Machado Macedo
A. Sales Luís
A. Galvão-Teles